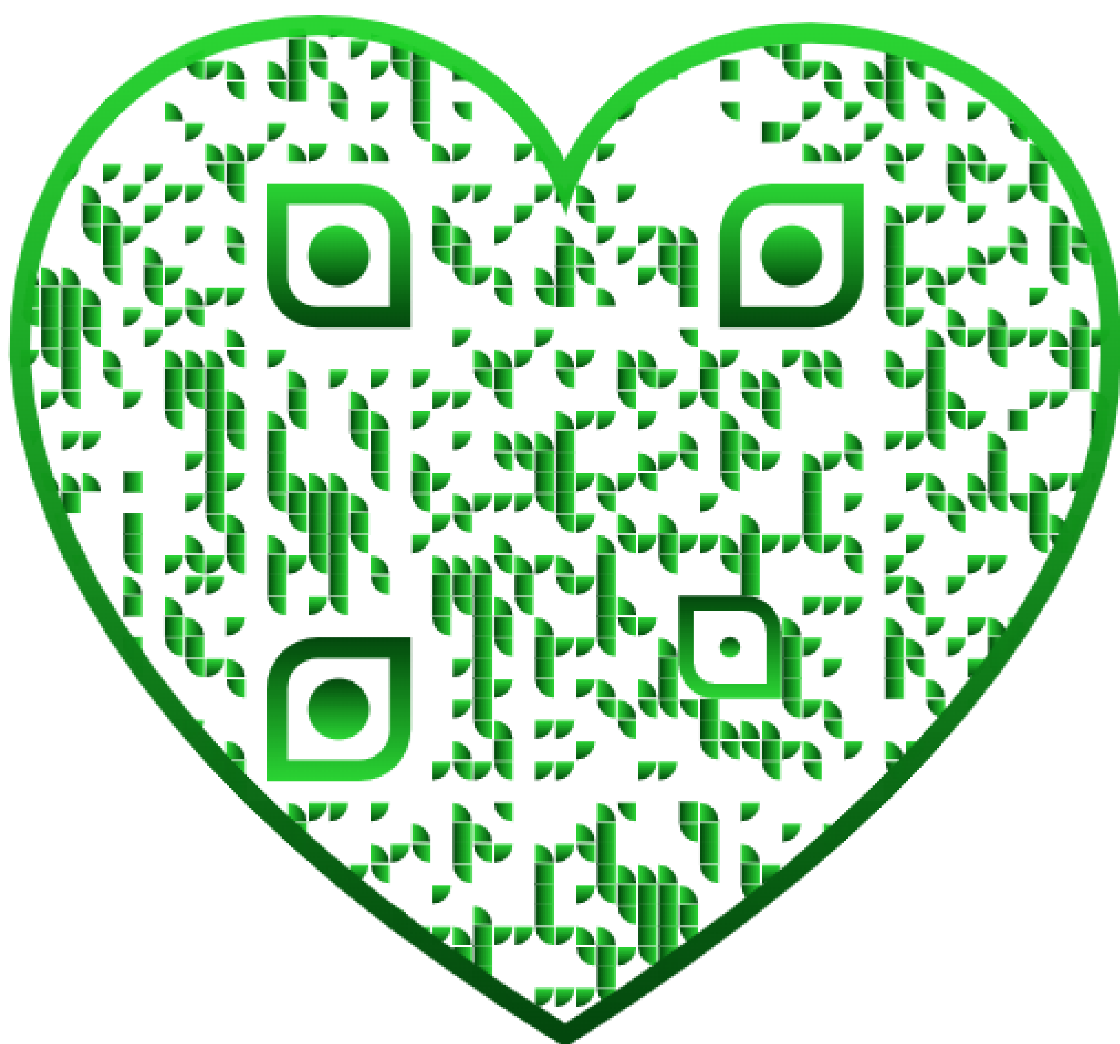
RETRATO DE UM

ESPORO



LISSA PRICE





Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

RETRATO DE UM ESPORO

LEIA: Starters e Enders

Sobre a Autora

Lissa Price

RETRATO DE UM ESPORO

Conto



RETRATO DE UM
ESPORO



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.editoranovoconceito.com.br

Você encontra este e demais e-books na Livrarialivros.com

RETRATO DE UM ESPORO

O Esporo, em um país qualquer da região do Pacífico, em algum momento no futuro.

O pequeno esporo é criado. E a primeira coisa que ele sente é... a certeza.

Uma certeza intensa sobre o propósito de sua existência queima dentro dele, uma chama ardente que nada conseguirá extinguir.

Ele não sabe qual é esse propósito; consegue apenas senti-lo. Com ele, vem também um desejo.

A resposta deve estar lá fora. Em algum lugar.

A sensação é confusa para o esporo. É difícil, sem saber o que essa coisa é.

Imagine como ele se sente, tão pleno de propósito e finalidade. Mas para quê?

Barbara Woodland, em sua casa em Los Angeles, em uma terça-feira de verão, às 9 horas da manhã.

O sol da manhã brilha e raios dourados passam pela janela da minha cozinha sem saber que o mundo mudou. O café tem o mesmo cheiro de sempre, pungente com a promessa de conforto, o que não passa de uma mentira cruel. Só serve para me lembrar do momento que estamos vivendo.

Sirvo o café em duas xícaras, uma para mim e outra para Ray. Uma das xícaras tem uma foto da nossa família em férias na praia, antes da guerra. Tyler tinha 5 anos e Callie tinha 14. Sorríamos, sem suspeitar que nossas vidas simples estavam prestes a sofrer uma reviravolta.

Pego a outra caneca, a que não tem nenhum dese\nho ou foto, e vou para a sala de estar.

Onde estão meus filhos?

Olho pela janela, além das roseiras que se entrelaçam ao redor da nossa cerca branca, e vejo Heather em sua minivan com Darren no banco traseiro. Estão esperando por Tyler. Eu aceno e eles retribuem o aceno com sorrisos contidos.

— Tyler! — grito. — Darren já chegou, ande logo!

Um farfalhar vem do quarto de Tyler, mas é Ray quem vem andando pelo corredor, as chaves tilintando na mão.

— O café está na cozinha. — Tento falar de maneira casual, mas minha voz fica entrecortada. Ray olha pela janela e vê a minivan de Heather.

— Para onde Tyler está indo? — Os olhos dele me desafiam.

— Eles estão planejando esse passeio há semanas. — Tomo um gole do café. — Vão ao Museu de História Natural.

— Ainda está aberto ao público?

Faço que sim com a cabeça.

— Voluntários.

Ele não consegue esconder a preocupação; seu olhar o denuncia. Ele baixa a voz.

— Ouviu as notícias?

— É claro — sussurro. — Eu as recebi pelo telefone.

— Então, por que raios vai deixá-lo ir?

— Porque é uma oportunidade de ele ter algo diferente para fazer. E Heather se dispôs a levá-los. E o lugar é fechado.

Ele balança a cabeça, discordando.

— Estou atrasado. Preciso ir.

Ele se aproxima e me beija. Sinto um toque de medo em seus lábios. Ele se afasta.

— O que você vai fazer hoje? — Sua voz é uma mistura de ansiedade e a pretensão de soar casual.

— Vou ao supermercado. Estocar comida. — Encolho os ombros. — Quer que eu traga alguma coisa?

— Os remédios para a inalação de Tyler. E, se tiverem manteiga de amendoim, compre uns potes para ele, mesmo se o preço estiver alto. Vai levar Callie com você?

Confirmo com a cabeça.

— É melhor do que deixá-la aqui, sozinha.

— Tenha cuidado — diz ele com a voz embargada, como se houvesse se machucado.

Vejo um brilho em seus olhos e um vacilo. Ele quer me beijar novamente, eu acho, mas não quer fazer com que o momento seja dramático demais. Ele recua, com olhos relutantes, e segue em direção à porta dos fundos.

— Tyler! — grito outra vez.

Callie aparece com o irmão. Ela se esforça para colocar a mochila de Tyler sobre seus ombros enquanto ele fica se mexendo. Ele tosse.

— Está com o inalador? — pergunto.

Ele tira o frasco do bolso para me mostrar.

— Ótimo.

Ele tosse outra vez. Por favor, tomara que não seja mais um resfriado. Não é hora para isso.

— Cubra a boca quando tossir — digo e passo a mão por seus cabelos.

Callie abre a porta. Antes que Tyler saia correndo, eu o agarro e o abraço. Sinto vontade de segurá-lo contra meu peito para sempre.

— Mãe, ele está atrasado — diz Callie.

Faço um esforço para soltá-lo e, então, ele corre até o carro. Callie me olha como se eu fosse maluca. Ficamos paradas na porta e observamos Tyler sentar-se no banco traseiro com Darren. Tyler tira um boneco de borracha de dentro do bolso e o balança na frente de Darren. Os

meninos riem. Eu odeio aquela coisa, mas a cena quase me faz sorrir.

Heather olha para mim com uma expressão de leve nervosismo no rosto enquanto dá a partida no carro e se afasta do meio-fio.

O Esporo, mais tarde.

O mundo do esporo vira de cabeça para baixo conforme ele desce, em queda livre, contra sua vontade, girando, girando, descendo, descendo.

Até que ele para.

Está desorientado.

Tenta descobrir onde está, mas em pouco tempo outros iguais a ele chegam rolando, esbarrando nele, jogando-o de um lado para o outro. Finalmente, se acomoda em meio a muitos outros esporos como ele.

A tristeza toma conta do esporo quando ele percebe que sua liberdade acabou. Tem a noção de que não está mais sozinho em meio a infinitas possibilidades.

Um pensamento lhe ocorre. Talvez, se unir suas forças com os outros, conseguirão encontrar, juntos, um propósito. Tem que ser possível. Ele se vira para o vizinho que está à sua esquerda.

Olá, amigo.

O vizinho sibila em resposta. Não é uma comunicação verdadeira, apenas um impacto que o faz rolar por cima do vizinho que está à direita, caindo em um ponto mais além. Ele para e se acomoda em um novo lugar. Mas é empurrado outra vez e para cima. Ele flutua até um ponto mais alto e, depois, cai.

O pequeno esporo está zonzo demais para fazer qualquer coisa além de tentar se recompor.

Em meio ao silêncio, alguém próximo a ele se comunica.

Relaxe. Somos iguais a você.

O esporo tenta se virar, ficar de frente para esse novo vizinho, mas não consegue.

Por que estamos aqui? O esporo pergunta.

Quer dizer que você não sabe?

Barbara Woodland, em sua casa, às 9h15 da manhã.

Enquanto fico ao lado de Callie e observamos Tyler ir embora, sinto minhas pernas tremerem de maneira incontrolável. Tento forçá-las a parar, mas não está dando certo.

— Qual é o problema? — pergunta Callie quando fecho a porta. Evito os olhos dela.

— Por que seu irmão nunca consegue ser pontual?

Caminho pela sala em direção à cozinha para ter um pouco de privacidade, mas ela me segue.

— O museu estará no lugar de sempre, mãe — diz ela. — Mesmo se eles se atrasarem uns dez minutos.

— Não é legal deixar as pessoas esperando.

Vou até a lavanderia, ao lado da cozinha, e abro a secadora de roupas.

— Você só está com medo — diz Callie.

Os olhos dela brilham quando encontram os meus. Vejo meu próprio medo refletido nas feições de minha filha, e isso me assusta ainda mais. Olho para ela.

— É mesmo? E o que você acha que sabe?

Percebo que fui ríspida, mas é tarde demais para voltar atrás. Ela cruza os braços e não diz nada. Será que é algum tipo de castigo por eu não lhe dar todas as informações? Em seguida, ela fala.

— Ouvi dizer que eles têm... esporos.

Um calafrio corre por minha nuca quando ouço aquela palavra. Tiro as roupas da secadora e as largo no cesto.

— Não diga isso, Callie.

— Por quê? Não é verdade? Não é esse o nome que lhes deram?

— É, mas não significa que você tenha que repeti-lo.

O cesto de roupas parece pesar uma tonelada. Eu o carrego, passo pela cozinha, pelo corredor e chego no meu quarto. Ela continua atrás de mim. Coloco as roupas nas gavetas e imagino se conseguiremos viver tempo o suficiente para usar essas meias de novo. Callie se deita em nossa cama king size, e tenho a impressão de que é muito pequena.

— Você não pode esconder isso de mim — diz ela. — Vou acabar sabendo de tudo pelas Páginas.

Agarro um par de meias com força e depois volto a largá-las no cesto. Eu me viro e Callie está olhando para o teto. Vejo uma menina vulnerável, uma filha, a minha filha. Dentro de mim, encontro a mãe que vai acalentá-la. Sento-me na beirada da cama e acaricio seus cabelos finos, iguais aos de um bebê.

— O que é que você sabe? — pergunto, de um jeito mais doce.

— Os países do Pacífico mandaram seus navios se aproximarem do litoral. Porta-aviões.

— Mas ainda não chegaram aqui.

— Não, mas dizem por aí que eles têm os esporos e que vão mandar aviões que dispararão mísseis com esporos. Contra nós.

— Eles disseram isso há meses e nada aconteceu. — Continuo acariciando os cabelos dela. Ela se ergue até ficar sentada.

— Esporos fabricados e infecciosos. Se chegarem aos nossos pulmões, vão nos matar. Se caírem na nossa pele, serão absorvidos. Vamos morrer.

Também ouvi aquilo. A morte não era instantânea, mas mesmo assim levava à morte. Levanto a manga da blusa que lhe cobre o ombro, exibindo a parte superior do braço. Aponto para uma marca vermelha.

— Está vendo isso? — pergunto a ela. — Isso vai protegê-la.

— Sim, de uma gripe.

— Foi o que disseram para as pessoas, para evitar o pânico. Mas é uma vacina para proteger você contra os esporos.

Ela olha para o braço com os olhos fixos na pequena mancha vermelha.

— Vacina? Contra os esporos?

Nós duas olhamos para a marca.

Há um mês, a pele de Callie era perfeita. Lisa e macia. Estávamos em uma longa fila em um lugar que costumava ser o ginásio de uma escola. Logo antes de as escolas fecharem. Quais pais iriam querer arriscar mandar seus filhos à escola com a situação de guerra piorando a cada dia? Parecia ter acontecido há muito tempo, mas fazia pouco mais de um ano desde que os países do Pacífico atacaram os nossos navios que estavam naquela região, causando muitas perdas de vidas e enchendo o litoral com navios destruídos, de ambos os lados. Explosivos, fragmentos de cascos e até partes de corpos eram trazidos à praia pelo mar. Cercas de arame farpado foram erguidas na região para isolar as praias e proteger as pessoas dos resíduos químicos e de explosivos que ainda poderiam estar ativos. Era horrível ver aquilo. Ray e eu ficamos ali, no meio dos outros espectadores, nos lembrando das areias pálidas e amareladas, e da água azul que havia no lugar, poucos meses antes. Agora, aquela mesma areia estava manchada de preto pelo óleo das carcaças dos navios de guerra.

E por quê? Pela mesma razão que move a maioria das guerras: ambição.

É claro que chorei naquela ocasião. Porém, no ginásio da escola, fiquei aliviada ao saber que Callie receberia a vacina. Tyler já havia recebido sua dose alguns dias antes, estávamos somente nós duas à espera. Havia rumores de que os estoques poderiam acabar, por isso chegamos às 5 horas da manhã. Callie não entendia por que estávamos dando tanta importância a uma vacina contra a gripe. Quando chegou ao primeiro lugar da fila, horas mais tarde, e a agulha perfurou sua pele, tive que virar a cabeça para esconder o rosto. O alívio intenso que senti acabaria por alertá-la de que a vacina não era contra a gripe.

De volta ao quarto, tento puxar a manga da camisa de Callie novamente para cobrir a marca da vacina, mas ela me impede.

— Ainda está vermelha — diz ela.

— Fizeram isso de propósito. Para provar que você está protegida.

— Detesto isso — diz ela com uma expressão séria. — É feia. — Ela esfrega a mancha. Seguro a mão dela para impedir que continue.

— Não, querida. Isso pode salvar sua vida um dia.

— Dos esporos?

— As pessoas saberão que você não está infectada e que não representa perigo.

Ela pensa naquilo. Em seguida, um olhar de preocupação toma conta de seu rosto.

— Mas você não recebeu a vacina. Nem o papai.

— Não precisamos dela. O governo está preocupado com as pessoas mais frágeis: os muito jovens e os muito velhos. Seu pai e eu somos fortes e saudáveis. Vai ficar tudo bem conosco.

Penso no dia em que fomos informados sobre o estoque limitado de vacinas. Os contatos de Ray poderiam ter nos conseguido as injeções. Tentei convencê-lo. Tentei fazer com que ele percebesse o que estava acontecendo. O que acontecerá com nossos filhos se morrermos? Perguntei isso a ele. Para onde eles irão? Nossos pais não são vivos. Implorei a ele. Os astros dos holofilmes, os políticos e outros figurões conseguiram as vacinas. Todos sabiam sobre o mercado negro. Mas ele continuou inflexível. Ele não furaria a fila, não tiraria a vacina que poderia ser dada a um idoso ou a uma criança.

Que maravilha! Continuamos com nossos valores intactos. E... o que ganhamos com isso?

O Esporo, mais tarde.

Está quente. Abafado.

O esporo está esperando que o vizinho explique sobre seu propósito quando, repentinamente, outros esporos são jogados naquele lugar. Ele é levado para trás.

Espere. Responda o que eu quero saber.

É tarde demais; ele está rolando e esbarrando contra esporos irritadiços e silenciosos.

O esporo sente que está sufocando.

Isso parece errado! Ele grita. Que tipo de vida é essa?

Cuidado! Diz alguém. E mais esporos são despejados. Eles caem por cima do esporo, e depois se erguem no ar e se afastam, caindo sobre outro alguém.

O esporo tenta gritar.

Mas não consegue emitir nenhum som.

Seu novo vizinho lhe diz para não fazer isso.

O que é que você sabe?

Sei que temos um propósito.

Um propósito? Ótimo. Isso é ótimo. Você sabe o que é?

Não. Sei apenas que existe um propósito.

Qual é o seu nome? Qual é o meu nome?

Somos chamados de esporos bacterianos infecciosos.

Esporos... eu tenho um nome. Esporo.

Barbara Woodland, em seu carro, às 10 horas da manhã.

Seguro o volante com força enquanto tiro o carro da garagem, utilizando a câmera de ré. A loção corporal com aroma de cereja de Callie enche o carro. Ouvimos um *bip*, o sinal de que um pedestre está perto do carro.

Callie se vira para ver quem é.

— É Michael.

— Aquele que mora mais adiante na rua?

Ela assente. Ele está na calçada e espera eu completar a manobra. Um garoto bonito. Percebo a maneira que ele sorri para Callie. Ela não corresponde ao flerte, apenas acena. Ela é uma boa menina, inteligente e forte.

Será que ela conseguiria cuidar de Tyler? Tantas perguntas, dia após dia, hora após hora, quando você é responsável por uma criança. Essa comida é segura para ele? Aquele homem com quem ele está conversando, será que é perigoso? Ele está doente de novo? Os possíveis cenários sobre os quais Ray falou, e alguns que li, são horríveis. Crianças colocadas para fora de suas casas, casas contaminadas por resíduos de esporos... vivendo nas ruas ou em casas de estranhos. Será que Callie saberia como encontrar abrigos seguros? Comida? Água?

Dizem que a vida será muito diferente se essa Guerra dos Esporos realmente explodir. Não se fala disso no noticiário, mas sim no submundo, por meio de panfletos e Páginas secretas nos computadores. Algumas pessoas dizem que os apocalípticos são apenas uns birutas anunciando o fim do mundo. Mas, até hoje, o fim nunca pareceu estar tão próximo.

Quero dizer isso a Callie. Quero discutir com ela o que pode acontecer, quais atitudes ela pode tomar. Mas é impossível saber. Poderíamos esconder dinheiro em casa, mas os bancos limitaram as quantias que podem ser sacadas. Se tivéssemos parentes vivos, alguém que fosse velho o suficiente para receber a vacina, ela poderia ir morar com eles. É muito azar Ray e eu termos perdido nossos pais.

— Mãe? Você passou pelo correio.

Ela tem razão. Tenho que dirigir por mais um quarteirão para encontrar uma vaga onde possa estacionar. Quando chegamos à agência, a fila está para fora da porta de tão longa.

— Por que tem tanta gente aqui? — Callie pergunta.

As pessoas vieram buscar a correspondência hoje porque, provavelmente, estão planejando passar o resto do dia dentro de casa. Sinto saudade de quando, antes de a guerra se intensificar, os pacotes eram entregues uma vez por semana. Todas as nossas contas são eletrônicas agora, diferente do que acontecia quando eu era criança. Mas, naquela época, ninguém havia descoberto como materializar um par de sapatos dessa maneira. Pelo menos, ainda não.

— Deixe para lá — digo. — Voltaremos quando não estiver tão cheio.

Mas eu sei que provavelmente estaremos entocadas em casa, como o resto dessa gente. Como se fôssemos prisioneiras. Ou coelhos tímidos, com nossos narizes vermelhos se retorcendo. Por quanto tempo? Uma semana? Um mês?

Vamos até a farmácia para buscar os produtos que eu listei cuidadosamente: compressas, spray antisséptico, penicilina e os inaladores de Tyler. Quem sabe até quando vão durar? Mas as portas do lugar estão fechadas e o letreiro eletrônico da loja exibe:

FECHADO. PERMANENTEMENTE.

— Como podem fechar assim? — pergunta Callie. — Sem explicação? Estavam abertos semana passada.

As portas de metal escondem e protegem quaisquer produtos que ainda estejam nas prateleiras. Será que as pessoas que trabalhavam aqui ficaram com tanto medo que resolveram

fugir? Deixaram tudo para trás? E foram para onde? As viagens estão restritas. Ou ficaram com medo de que multidões desesperadas por suprimentos médicos invadiriam o local, pegando tudo que estivesse nas prateleiras sem pagar? Ou pior, assaltando os funcionários com uma arma na mão?

— Talvez os negócios não estivessem indo bem. Como acontece em vários lugares hoje em dia — digo.

A próxima parada na minha lista é a loja de materiais de construção e outros produtos para casa. Esperamos em uma fila enorme. Nosso carrinho está cheio de pilhas, baterias, fita adesiva e alguns metros de lona plástica. Sinto um pouco de inveja ao ver pessoas com vigas de madeira em seus carrinhos. Ray queria somente as pilhas. Ele provavelmente vai revirar os olhos quando vir que eu comprei a lona e vai dizer que não vai servir para nada. Mas decidi comprá-la mesmo assim. Talvez a usemos para cobrir as janelas. Talvez ele acabe me agradecendo.

Eu não teria condições de erguer uma viga de madeira e colocá-la em nossa minivan, de qualquer maneira. As pessoas que compraram as vigas provavelmente têm caminhonetes.

— Olhe, mãe. — Callie pega um miniventilador com o formato de um porco-espinho.

Ela liga o brinquedo e seus cabelos longos esvoaçam. Está fascinada por algo que nem sabia que existia há um minuto.

— Coloque isso de volta onde você o encontrou. — Em outra ocasião, eu compraria aquilo sem pensar muito. Mas hoje não estou com o humor apropriado para coisas frívolas.

Ela faz um muxoxo e coloca o miniventilador de volta na prateleira de qualquer jeito, como se não o quisesse. O brinquedo tomba de lado, como se estivesse magoado pela rejeição.

Já fora da loja, Callie empurra o carrinho até nossa minivan enquanto eu pego as chaves. Abro a porta traseira e deixo minha bolsa ali para afastar um fardo de garrafas de água e o bastão de beisebol de Tyler. Ouço uma voz.

Viro-me e vejo um homem se aproximar de Callie com um sorriso no rosto. Deve ter mais de 20 anos, é esguio e está vestindo um blusão com capuz. Uma roupa pesada demais para o calor que está fazendo hoje.

— Deixe eu ajudar você com isso — diz ele, pegando uma sacola cheia de rolos de fita e pilhas do carrinho que ela está segurando.

Ele está perto demais de Callie. Dou um passo na direção dele.

— Não se incomode — digo. — Podemos cuidar de tudo.

Ele se vira para mim.

— Tudo bem, senhora.

Ele larga a sacola em minhas mãos estendidas e quase a deixo cair. Então, antes que eu perceba o que está acontecendo, ele faz um movimento rápido e pega a bolsa que está no banco de trás do carro.

— Não! — grito. — Pare!

Ele corre. Deixo a sacola cair e começo a persegui-lo.

— Mãe, não! — grita Callie.

Não estou escutando nada. Meus passos são impulsionados por uma fúria que vem crescendo dentro de mim há algum tempo. Ele não vai levar minha carteira, meus documentos, meu dinheiro, meus cartões de crédito, meu telefone com todas as minhas informações. As horas que passei na academia finalmente compensam o investimento quando eu o alcanço e o agarro pelo capuz do blusão. Eu o puxo com força e ele cai para trás. Rolamos pelo chão. Callie se aproxima, segurando o bastão de beisebol, pronta para atacar.

Ele olha para ela e depois para mim enquanto disputamos a posse de minha bolsa. Ele enfia a mão que está livre na bolsa e pega o meu celular.

— Solte isso! — grito.

Callie está por cima dele, com o bastão pronto para golpear. Será que ele pensa que vai conseguir fugir com qualquer coisa agora? Vejo a raiva da derrota em seus olhos. Ele usa essa fúria para bater meu telefone contra o asfalto, com o visor para baixo.

— Aí está seu telefone tão precioso — diz ele, levantando-se rapidamente e correndo para longe.

Callie hesita por um momento, como se quisesse correr atrás dele, mas fica de joelhos ao meu lado e larga o bastão. Ela coloca os braços ao redor do meu pescoço.

— Está tudo bem, mãe. Você está bem.

Toco meu rosto. Está úmido. Examino meus dedos em busca de algum sinal de sangue, mas percebo que o que deixou meu rosto úmido foram as lágrimas que não paravam de rolar.

O Esporo, mais tarde.

As paredes do recipiente onde o esporo está alojado tremem. Ele pergunta a seu amigo: O que está acontecendo?

O amigo o adverte. *Aguente firme*.

O esporo se aproxima de seu amigo, espera que não sejam separados.

O mundo deles gira com tanta violência que os dois são levados para cantos opostos. O esporo é empurrado contra uma parede. Ele tem certeza de que será esmagado até não restar nada de si quando o recipiente parar de girar, transformando-se apenas em um fragmento esmigalhado. Um som estridente e ensurdecedor começa a tocar, e parece perfurá-lo por completo. Ele pergunta a si mesmo se os outros esporos estão gritando, e então se lembra de que eles não podem gritar. É somente a sensação de puro terror sendo transmitida. Essa sensação emana dele também.

Finalmente, o recipiente para de girar. O esporo está zonzo. Ele espera até que essa sensação passe e depois olha à sua volta.

Onde está meu amigo?

Ele finalmente o vê perto da parede, à sua esquerda. E se aproxima.

Você está bem?

A resposta que recebe não é boa: tristeza.

Meu tempo aqui terminou, diz ele. *Não passei no teste.*

Aguente firme, meu amigo. Você precisa descansar. Logo, logo vai se sentir melhor.

Você conseguiu. Vai seguir para a próxima fase. Mas precisa fazer algo por mim.

O que você quiser.

Você deve perseverar por mim. Você participará da missão, como eu teria participado.

Qual é a nossa missão?

Você deve espalhar a nossa essência.

Como?

Você vai encontrar o seu destino.

Quando?

Em breve.

Mas como eu vou saber?

Você vai saber.

Barbara Woodland, em seu carro, às *11h20 da manhã.*

Callie está em silêncio enquanto eu dirijo pela cidade. A sensação é diferente de ontem, como se nossas janelas estivessem, agora, recobertas por uma película amarelada, arranhada e desbotada. Todas as pessoas que vemos na rua parecem estar concentradas na própria sobrevivência. Como formigas, elas estão caçando, coletando, construindo e fugindo amedrontadas.

O supermercado fica a mais de um quilômetro dali. Sigo por uma rota alternativa para economizar tempo, uma rota que não pego há vários meses. Há outros estabelecimentos mais próximos que geralmente frequentamos, mas são lojas muito pequenas, e, neste momento, provavelmente seus estoques estarão esgotados. Quanta comida precisamos ter em casa? O suficiente para um mês? Mais do que isso? E se faltar eletricidade? Seria melhor não confiar na comida que está no freezer?

— Olhe, mãe — diz Callie.

Ela aponta para a coisa mais estranha que eu posso pensar nesse momento dramático: um campo de minigolfe. Completo, com torres roxas, bandeiras douradas com estrelas azuis, tudo planejado para atrair seus olhares e seus dólares. E, por um momento, me deixo seduzir pelos moinhos de vento amarelos, pelos enormes pirulitos de madeira e pelo castelo coberto de diamantes.

— Quando foi que construíram isso aí?

— Ano passado. Podemos ir lá? — pergunta ela.

Que ideia maluca! Essas crianças... Elas têm a capacidade de se esquecer das preocupações mais sérias da vida, perguntas sobre como se preparar para o amanhã, porque vivem totalmente no presente. Ainda não passaram pelas decepções do amanhã.

— Duvido que esteja aberto.

— Está sim. Estou vendo, o portão está aberto. — A voz dela sai bem aguda.

— Seria melhor irmos ao supermercado e depois para casa. — Piso no acelerador.

— Só um pouquinho. Por favor.

Olho ao redor, me fazendo de desentendida.

— Já ficou para trás. — Encolho os ombros.

— Por favor. Não podemos voltar?

Não quero nenhuma de nós exposta ao ar livre mais do que o necessário. Mas também não quero assustar minha filha. Olho rapidamente para a garota sentada ao meu lado e não vejo uma jovem de 16 anos, cada vez mais perto de se tornar um adulto responsável. Vejo uma menina de 5 anos com bochechas gorduchas e olhos grandes, me implorando para parar no parque de diversões e, lá dentro, girar nas xícaras até ficar tonta.

Faço um retorno no meio da estrada e ela me recompensa com um sorriso cheio de dentes.

Quando entramos no estacionamento, vemos que há algo de errado com o campo de minigolfe. Está... vazio.

— Não tem ninguém aqui — digo para Callie.

— Ótimo. Vamos ter o lugar todinho para nós.

Desço do carro e percebo o quanto estou tensa. Em seguida, me lembro da briga com o ladrão. Olho para baixo e vejo que minhas roupas estão sujas por termos rolado no chão. Tento me limpar um pouco e depois escondo minha bolsa debaixo do assento; levo apenas a carteira. Callie coloca sua bolsa no ombro e corre em direção ao portão aberto.

— Callie, espere!

Chegamos na cabine da bilheteria, logo depois da entrada. Não há ninguém. Ela estende a mão por cima do balcão e pega um taco de golfe.

— Aqui, esse é o seu — ela diz e me entrega um dos tacos mais longos.

— Não estou gostando disso.

Tenho a sensação de estar fazendo algo errado. Como se estivéssemos roubando. Pergunto a mim mesma se deveríamos deixar o dinheiro do ingresso no balcão. Callie pega um taco mais curto e duas bolas de golfe. E um bloco para anotar a pontuação, com um lápis pequeno.

— Aposto um dólar que vou ganhar de você — ela diz com um brilho nos olhos.

Vamos até o primeiro buraco, instalado sob um moinho de vento. Olho ao redor e percebo que as atrações elétricas não estão funcionando, é claro. Mas as partes em estilo retrô, que são movidas pela ação do vento ou de contrapesos, como o moinho, ainda funcionam. Callie coloca a bola no chão e dá uma tacada. A bola passa direto pelas pás do moinho em movimento e chega ao círculo verde que está logo atrás dele. Com um som oco e alto, a bola rola para dentro do buraco.

— Acertei de primeira! — ela diz, fazendo uma dancinha da vitória.

Ela se esqueceu de tudo, exceto dessa brincadeira. E isso me faz sorrir.

O Esporo, mais tarde.

O esporo é tirado do recipiente por uma espécie de peneira, que ergue apenas aqueles que ainda estão redondos e inteiros. Conforme é erguido, ele vê seu amigo através dos furos da peneira. O amigo está no fundo do recipiente, imóvel e frio.

Adeus, amigo.

O esporo pensa na própria morte e fica feliz porque ainda não aconteceu com ele.

Será que é tão ruim?

Ele se lembra do que seu amigo lhe disse e acha que pode ser bom. Pode compensar a morte do amigo cumprindo a promessa. O pequeno esporo se prepara.

Ele é levado até outro recipiente com os outros esporos que sobreviveram ao teste. A tampa é fechada e o recipiente é colocado dentro de outro contêiner, que, por sua vez, impede que qualquer luminosidade chegue até os esporos. Ele não se importa; consegue sentir os outros. Há muito barulho, baques e choques conforme o recipiente é virado de lado. E, depois, há somente o silêncio. Os esporos não têm mais peso, flutuam e giram dentro do recipiente.

O esporo ouve os pensamentos dos outros esporos. Eles falam sobre voar até seu destino. Estão eufóricos.

Barbara Woodland, Campo de minigolfe Golden Castle, às *12h15.*

Callie consegue levar a bola até perto do oitavo buraco. Eu a observo enquanto ela segura o taco e, depois, olha para a meta: um buraco um pouco adiante de uma pequena valeta que deveria ser um riacho, mas, é claro, está sem água. A água corrente desse lugar deve ter sido cortada há meses. Imagino se foram os proprietários que decidiram fechar as portas há algum tempo ou se foram os funcionários de hoje que fugiram, deixando o lugar aberto. Será que somos duas idiotas por estarmos expostas ao ar livre?

Estamos no oitavo buraco. Só falta mais um para acabar o jogo. Ela bate na bola e esta voa com uma bela trajetória sobre o riacho seco, caindo no pequeno trecho de grama sintética, perto do buraco. A pontaria de Callie é ótima; ela aprendeu isso com Ray. Sua pontaria nos estandes de tiro também é excelente.

Será que ele vai gostar de saber o que fizemos hoje? Ou vai ficar irritado por termos feito algo tão louco?

— Sua vez, mãe.

Tenho que tentar. Tenho que terminar, então é melhor andar logo com isso. Antes de bater na bola, vejo alguns garotos entrando no campo de minigolfe. Eles estão no primeiro buraco, com tacos nas mãos. São adolescentes mais velhos, com uma aparência agressiva, tatuagens e vários *piercings*. E não há mais ninguém por perto.

Dou a tacada e a bola para no riacho seco.

— Que tacada ruim — diz Callie.

Vamos até a valeta e olhamos para a bola.

— Você não vai conseguir tirá-la daqui — ela diz.

— Tudo bem — respondo. — Jogue você.

— Vamos lá, mãe! Estamos quase terminando. Sua pontuação não está tão ruim. Você ainda pode ganhar.

Ela pega a minha bola e a coloca sobre o círculo de grama sintética, perto do buraco.

— Ei, isso não é trapaça? — diz a voz de um garoto.

Nós nos viramos e vemos que há dois adolescentes perto do ponto de partida do oitavo buraco, apoiados em seus tacos como se fossem bengalas.

— O que você tem a ver com isso? — pergunta Callie.

Os garotos reagem, surpresos com a audácia dela.

— Por hoje chega — digo, em parte para ela, e em parte para os garotos. Olho para ela, esperando que entenda que deve ficar calada, que estou com medo, que precisamos ir embora.

O garoto mais alto se aproxima.

— Não tenham tanta pressa. — Ele abre um sorriso e exibe caveiras de metal incrustadas nos dentes da frente. — Queremos ver como vocês manejam o taco.

Vejo o corpo de Callie se retesar. Ela segura o taco com as duas mãos. Sei que o instinto dela é confrontar os garotos, mas isso não vai trazer nada de bom.

— Está tarde. Precisamos ir ao mercado — digo para Callie, os olhos queimando com a mensagem que quero transmitir, como se fosse um raio laser escrevendo *por favor, cale a boca e vamos embora.*

Ela olha para mim e larga o taco no chão.

— Vamos embora — ela diz.

Começamos a andar. Temos que passar por eles para sair. Será que vão nos deixar ir embora? Será que vão avançar sobre nós e nos agarrar? Por favor, queremos apenas ir embora daqui.

Passamos pelos rapazes e eu sinto os olhos deles queimarem em nossas costas. Não podemos correr ou vamos nos transformar em presas. Tenho receio de olhar para Callie. Continuo olhando para frente e, com a visão periférica, percebo que ela está fazendo o mesmo. Andamos o mais depressa que conseguimos, sem dar a impressão de que estamos fugindo.

Atrás de nós, os garotos conversam entre si. Devem estar bolando um plano. Acelero o passo e Callie faz o mesmo. É uma caminhada agonizante, passamos pela casa de doces de gengibre, pelos pirulitos gigantes, e quando passamos pelos pandas gigantes do quinto buraco, eles parecem estar rindo de nós. Finalmente, chegamos ao moinho de vento.

O portão ao lado da cabine da bilheteria, que estava aberto antes, agora está fechado. Será que foram eles que o trancaram? Ou ele se trancou automaticamente quando os garotos o fecharam? Há outra saída? Não vou conseguir escalar aquele portão. Callie consegue. Vou fazer com que ela o escale.

Ouço os passos dos garotos. Eles não estão correndo em nossa direção, e sim andando a passos firmes e determinados. Tiro as chaves do bolso.

Callie toca o portão e o empurra. Ele não abre.

— Está trancado — ela sussurra.

Olho ao redor dela e vejo a tranca que ela não percebeu. Eu a ergo.

— Vamos.

Abrimos o portão e saímos correndo. Nossa minivan está a três longos metros de distância. Corremos o mais rápido que conseguimos. Aperto o botão que destrava o alarme e abre as portas. Os garotos nos perseguem. Estão muito perto de nós. Callie entra pelo lado do passageiro, eu entro pelo lado do motorista e tranco todas as portas.

Eles socam as janelas.

— Ei! — eles gritam.

Dou a partida no motor.

— Olhe ali! — diz Callie.

Um dos garotos está segurando a bolsa de Callie.

— Minha bolsa. Eu a esqueci.

Tenho dois segundos para avaliar o garoto, olho em seus olhos. Observo os olhos do outro. Não gosto do que vejo. Agressividade. Mentira. Uma armadilha.

— Esqueça.

— Mas eles vieram devolver minha bolsa.

Engato a marcha a ré e os garotos se afastam do carro, com os braços no ar e raiva no rosto.

— É uma armadilha. Eles não vão devolver nada para você.

Os garotos gritam e falam palavrões. Eles viram a bolsa de Callie de cabeça para baixo, jogam o conteúdo sobre o asfalto. A carteira dela cai no chão, junto com o telefone, batom, as moedas e, é claro, os absorventes, o que faz com que os garotos explodam em gargalhadas.

Eles pegam o telefone e o dinheiro de Callie, e pisam nos outros objetos com suas botas. Vejo tudo pelo retrovisor conforme me afasto daquele lugar.

Quando olho para Callie, vejo que está chocada.

— Como eles foram capazes de fazer isso? — ela diz.

— Eles não são como você.

Uma lição dura, mas necessária.

— Há pessoas ruins por toda parte, especialmente agora — digo, e a alerto: — Não confie em ninguém.

No mercado, andamos pelos corredores sem conversar. As prateleiras estão um caos. A maior parte da comida já desapareceu. Só sobraram embalagens quebradas, amassadas ou abertas. Examinamos os produtos na esperança de encontrar algo que ainda esteja bom.

— Essa aqui só está amassada por fora — diz Callie, segurando uma caixa de cereal. — O

saco de dentro ainda está lacrado.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça e ela o coloca no carrinho. Os corredores de frutas e verduras estão vazios, mas percebo um lampejo, um brilho de cor em meio a uma pilha de caixotes que estão no piso. Agacho-me e afasto a caixa vazia que está em cima para revelar o conteúdo do caixote de baixo: uma laranja. Tão gloriosa quanto o sol nascente despontando no leste. Callie sorri. É mais do que uma fruta; é um bom presságio. Coloco nosso tesouro com cuidado no carrinho e dou uma olhada na etiqueta com o preço sobre a gôndola vazia.

— Pelo menos os preços ainda não saíram do controle — digo.

Ray está preocupado com a prática de preços exorbitantes nos mercados, como aconteceu nas lojas menores. Mas ainda não aderiram a isso. Alguém, em algum dos escritórios da administração, ainda tem um coração bom.

Os caixas automatizados exibem cartazes escritos à mão dizendo: “Pagamento somente em dinheiro”. Sinto muita falta do tempo em que pessoas de verdade recebiam meu dinheiro.

A bolsa de Callie. Graças a Deus nunca lhe demos um cartão de crédito. Mais tarde, teremos que pensar em quais informações estavam armazenadas em seu telefone. Nosso endereço? Eu me dou conta de que nós duas estamos sem nossos celulares. Vamos direto para casa, agora. Vamos conversar com Ray hoje à noite e decidir o que fazer. Ele é inteligente; inventou as lanternas de pulso, não foi? Funcionam com nossa própria pulsação. E há também aquele projeto “secreto”, no qual vem trabalhando e sobre o qual não pode falar nada a respeito.

— Mãe? Já acabou.

Ela aponta para o recibo que sai da máquina. Eu o pego e ela fica com as sacolas. E nós vamos em direção da saída.

O Esporo, 40 mil pés acima do nível do mar sobre a Costa Oeste dos Estados Unidos, à *1h30 da tarde*.

O esporo sente que está próximo. Em breve se encontrará com a mulher que é o seu destino. Com um tranco abrupto, ele sente a velocidade enquanto corta o ar. Os esporos são jogados contra a parede dos fundos, amontoados.

Empolgados.

A pressão aumenta. Um som estridente rasga o ar até que o recipiente se quebra e as peças começam a cair. O esporo vê a luz, o céu, e, mais abaixo, árvores. Eles se separam, cada um dos esporos, caindo livremente. Ele está sozinho mais uma vez. Flutuando... descendo.

Barbara Woodland, Mercado Ralph’s, à *1h30 da tarde*.

Callie e eu estamos em frente à porta do mercado, do lado de dentro, examinando o estacionamento em busca de perigos. Há apenas algumas pessoas levando suas compras até seus carros.

— Está tudo bem — digo. — Estamos seguras. Tudo de ruim que podia nos acontecer hoje já aconteceu.

Callie assente. Saímos do mercado.

— O que você vai fazer para o jantar? — ela pergunta.

— Que tal uma macarronada? Vai gostar se eu fizer?

Ela sorri. Ouvimos um som estranho sobre nós. Um estampido surdo, como se fosse uma garrafa de champanhe sendo desarrolhada, mas o som é mais alto e mais distante. Olhamos para cima e vemos o que parecem ser flocos de neve caindo.

Neve? No sul da Califórnia?

Olho para cima. Estão caindo do céu, espalhando-se por toda parte. Em meio ao pânico, tropeço em um canteiro do estacionamento. Caio e minhas compras se espalham pelo chão. A laranja rola para longe.

— Mãe! — Callie olha para mim e solta as sacolas.

— Corra! — grito. — Estou logo atrás de você!

Jogo as chaves para ela. Ela as agarra no ar e sai correndo. Eu me levanto e a sigo.

Callie corre até onde deixamos o carro, do outro lado do estacionamento. Corro atrás dela. Ela se vira para ver se a estou seguindo, e eu indico que ela deve continuar em frente.

— Não pare!

Outras pessoas no estacionamento fazem o mesmo. Correm para salvar suas vidas. Quase esbarro em uma senhora mais velha que está indo na direção contrária. Já no carro, Callie abre a porta.

Ela sobe no banco traseiro e se vira, estendendo a mão para mim. Corro e coloco o pé no degrau que fica logo abaixo da porta da minivan.

— Conseguimos — ela diz.

Sorrio e dou a mão esquerda para que ela me puxe para dentro. Quando ela me toca, nós duas olhamos para o meu braço enquanto um esporo solitário paira no ar, pousando sobre a minha pele.



O Esporo, agora.

Ele conseguiu.

Ele a encontrou, e ela é linda. Estão juntos.

Enterrando-se na pele da mulher, ele se sente completo, e sua essência se mescla à dela.

Leia mais

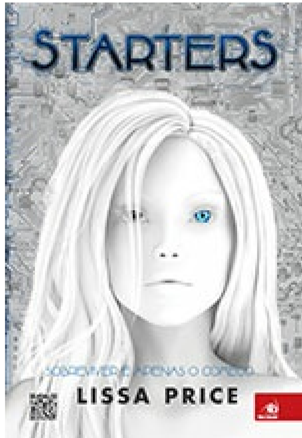
Enders, lançamento de fevereiro (2014) é o livro de encerramento da série publicada em mais de 30 países, com direitos vendidos para o cinema e que foi a maior revelação fantástica na Bienal de São Paulo em 2012.

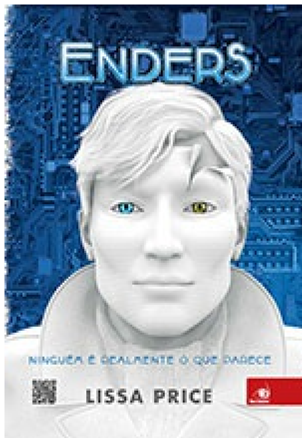
Conheça:

Callie perdeu os pais quando a Guerra dos Esporos varreu todas as pessoas entre 20 e 60 anos. Ela e seu irmão mais novo, Tyler, estão se virando, vivendo como desabrigados com seu amigo Michael e lutando contra rebeldes que os matariam por uma bolacha.

A única esperança de Callie é a Prime Destinations, um lugar perturbador em Berverly Hills que abriga uma misteriosa figura conhecida como o Velho. Ele contrata adolescentes para alugar seus corpos aos Enders — idosos que desejam ser jovens novamente. Desesperada pelo dinheiro, Callie concorda em ser uma doadora. Mas o neurochip que colocam nela está com defeito e ela acorda na vida de sua locadora, morando em uma mansão, dirigindo seus carros e saindo com o neto de um senador.

É apenas o começo de uma série de mentiras e intrigas que farão Callie e aqueles que amam arriscarem a própria vida ao se colocarem contra o sistema.





Sobre a autora:

Lissa Price é uma autora best-seller premiada internacionalmente, cujo romance de estreia, Starters, foi publicado em mais de trinta países. Mora com o marido na região sul da Califórnia, nos Estados Unidos.

Sobre a autora:

Lissa Price é uma autora best-seller premiada internacionalmente, cujo romance de estreia, Starters, foi publicado em mais de trinta países. Mora com o marido na região sul da Califórnia, nos Estados Unidos.